



# O COSMOPOLITA

Orgão dos Empregados em Hotéis, Restaurants, Cafés, Bars e classes congeneres

ANO II — N. 20

Rio de Janeiro, 1 de novembro de 1917

REDAÇÃO  
Rua do Senado 215-217  
Telefone Central 1499

## O MOMENTO

O governo do Brazil declarou por fim, o estado de guerra com a Alemanha. O fato era esperado, mais dia, menos dia. Desde o torpedeamento do Paraná, o governo do Brazil, sob evidente e clarissima pressão dos aliados, deixou traçada a rota a seguir, determinada pelos acontecimentos futuros. A ruptura simples de relações diplomaticas, seguiram-se a confiscação dos navios alemães, como reprezalia a segundo e terceiro torpedeamentos, e a quebra da neutralidade, como manifestação de solidariedade continental aos E. Unidos. Isto já era, virtualmente, estado de beligerancia. Agora, com o pretexto do torpedeamento do Macau, navio ex-alemão dos surripiados anteriormente a titulo de reprezalia e sob a forma elegante e legalissima de confiscação, nada mais se fez que uma declaração puramente verbal, de decreto, pois que o fato concreto, já existia. Com a diferença de que, armado de tal decreto, o governo, e por detraz dele os aliados, terão as mãos inteiramente livres de fazerem o que lhes vier á mente, mesmo que seja contra a vontade do povo.

Este, com efeito, é o aspéto grave e serio da situação creada pelo decreto de 26 de outubro. O governo se investiu de amplos e ilimitados poderes, para agir como entender e como melhor convier ao que ele, governo, chama defeza nacional e segurança publica.

Este periodico, inteiramente consagrado ás classes trabalhadoras, de um ramo das quais é o representante genuino e altivo, cumpre o dever de chamar a atenção do proletariado brasileiro para as graves questões que fatalmente terão que ser decididas durante esta guerra. Falamos, de proposito e de coração, com a maior serenidade e com a maior firmeza de animo

O mundo todo atravessa uma crise decisiva, cuja solução se acha fundamentalmente ligada á resolução da questão social. E esta, é claro, tem que ser levada a cabo pelo proletariado e não pelos exploradores do proletariado, governantes e patrões: Ora, as classes operarias do Brazil não podem ficar estranhas ao formidável movimento de transformação social inevitável que se nos apresenta. E não podem, também e principalmente, se se não querem ver completamente junjidas ao carro opressor e asficsiante do Estado, submeter-se, ás cégas e de mãos atadas pelo guerrismo, ao arbitrio incontentável e forçozamente tiranico dos governos.

O momento é de energia, de prontidão, de vontade, e de intelligencia firme das coizas. Que os trabalhadores do Brazil se coloquem, desde logo, á altura dos acontecimentos e se mostrem dignos do futuro que se esboça em nossa frente.

O COSMOPOLITA, fiel á sua orientação de sempre, aqui se manterá no seu posto de honra, custe o que custar, aconteça o que acontecer.

## O DESCANSO SEMANAL

O projeto de lei em discussão no Conselho Municipal

## O orgulho e a ganancia patronais prestes a so-

frerem um grande e serio revéz

### As grandes reuniões do Centro Cosmopolita. — A ameaça do loc-kout

Gravita agora em torno do projeto apresentado ao Conselho Municipal a atenção unanime da nossa classe, que ancoia vê-lo, o mais depressa possível, convertido em lei, para melhoria de uma situação que dia a dia se vai tornando deveras intolerável.

As consecutivas assembléas de classe que o Centro Cosmopolita tem promovido, no intuito de preparar o animo da coletividade para as futuras eventualidades, tem accorrido uma verdadeira multidão de entusiastas despertados pelo poder maravilhoso da crença na ação tutelar do Estado, revestindo-se esses atos do aspéto de grandiosas manifestações contra as opressivas condições de trabalho a que estamos submetidos, os trabalhadores em cafés e restaurants.

Nós, que vimos tomando parte em todos os movimentos em que se vem empenhando o Centro Cosmopolita, através da sua já longa existencia, no sentido de conquistar as melhorias morais e materiais constantes do seu programa de reivindicações, e que conhecemos a proverbial e injustificável deidia com que a maioria da classe durante tanto tempo encanou a defeza dos seus interesses, nos rejubilamos em constatar esse animador despertar de consciencia, cuja revolta pela abominável exploração de que é vitima toca agora ao auge e se exterioriza em vibrantes manifestações de protesto, que, oxalá, não terminem com a sorte que porventura tenha o projeto ora em discussão no Conselho Municipal.

Se, a despeito da obstinada opposição que o projeto despertou no seio do patronato, ele lograr, como esperamos, ser transformado em lei, nem assim, entretanto, terá terminado a luta encetada, e, necessariamente, neste momento é que se imporá a verdadeira luta. Convençam-se os companheiros de que esse patronato, que com tão feroz intolerancia investe contra uma medida cuja flagrante justiça ninguem de boa fé ousará contestar, se não submeterá impassível ás determinações legais. E' obvio que eles procurarão resarcir os supostos prejuizos, oriundos desse penal, seu freio posto á sua exploração, á custa dos empregados, escorchando-os ainda mais, se é possível, por todos os meios e modos que a sua falta de escrúpulo lhes sujira. E, evidentemente, a lei nenhuma solução poderá dar a essa sua consequencia, solução que só pôde ser dada pelos diretamente interessados que, unidos na sua associação de classe, poderão oferecer luta eficaz ao permanente esbulho dos seus direitos.

Dizemos permanente porque o conflito entre o trabalho e o capital, entre explorados e exploradores, durará enquanto subsistir a prezente organização social-economica, na qual uma minoria de parasitas, apropriados dos meios de produção e amparados pela ignorancia da grande massa de produtores, traz-os junjidos ao carro dos seus privilegios, envilecidos pelo rejimen iniquo do salariato, transformam em méros e desprezíveis instrumentos de ganho, apesar de serem os fatores de todo o progresso, os obreiros anônimos da civilização.

Para resolver conflito de consequencias tão dezastruzas para a massa trabalhadora, todas as leis serão absolutamente ineficazes e só valerá a revolução social que, transformando a sociedade capitalista, varrerá da face da terra todos os privilegios e todas as desigualdades sociais e economicas.

Assim, cumpre-nos não nos deixarmos adormecer pela conquista dos immediatismos que só muito relativamente poderá melhorar as nossas condições de vida. Aproveitando essas pequenas parcelas de liberdade arrancadas aos nossos opressores devemos dedicar-las ao estudo e á reflexão das causas fundamentais dos males que nos afligem. Quando tivermos varrido das nossas mentes os restos do passado, se nos descortinará, então, a visão de uma sociedade de justiça.

Dentro de alguns dias, a julgar pela marcha que vai tendo o projeto no Conselho Municipal, serão um fato o descanso semanal e horario de doze horas para a sala e dez para a cozinnha.

Assim, de nada valerão os esforços reacionarios da cambada patronal, que acastelada numa feróz intransigencia conculcando os mais elementares principios de justiça, pretende a todo o tranze opôr-se ao triunfo de uma cauza tão cristalinamente humana. De nada valerão os seus arrogânos quixotescos, porque, a breve trecho, sofrerão formidável cheque o seu poderio, o seu desmedido amor proprio, o seu deshumano e barbaro egoismo.

E, afinal, graças á campanha enérgica do Centro Cosmopolita, durante tanto tempo, estamos prestes a ver realizadas uma parte das nossas aspirações de liberdade.

Não se trata propriamente de uma cura radical, mas de um simples lenitivo que aliviará e falicitará eficazmente a definitiva emancipação...

O peor é que paira agora sobre as nossas cabeças, como a espada de Damocles, uma ameaça terribilissima. Trata-se, nada mais, nada menos, do que da ameaça do loc-kout, isto é do fechamento jeral dos restaurants, cazas de pasto, cafés, etc. etc., cazo seja convertido em lei o projeto em discussão no Conselho. Como se vê, a coiza não podia ser mais grave...

A questão tem sido amplamente e «sabiamente» ventilada no cóio patronal, isto é, no reduto do reacionarismo imbecil, onde se reúnem as personalidades mais representativas da mentalidade pasteleira, para tramarem contra os incontestáveis direitos das suas victimas.

Verdade é que eles, dando provas de uma incapacidade insuperável, tem-nos prestado ótimos e relevantes serviços, motivo pelo qual em uma das reuniões realizadas no Centro Cosmopolita, lembrou alguém que se officiasse á associação patronal, espessando-lhe os vivos agradecimentos da nossa classe pelos ecelentes serviços que vem prestando á nossa cauza, e o alvitre foi immediatamente posto em pratica, officiando-se ao C. U. P. H.

O Centro Cosmopolita tem promovido uma intensa e eficaz agitação em torno á questão em fóco, efetuando continuas e numerosas assembléas de classes que constituem vibrantes manifestações de protesto contra a exploração capitalista.

Por estes dias será dirigido ao publico um manifesto no qual se analizará minuciosamente a questão e se demonstrará a justiça das nossas aspirações, pondo-se igualmente em relevo toda a odiosidade da exploração de que, mais que quaisquer outros, são victimas os trabalhadores do ramo que o Centro Cosmopolita representa.

## O que é ser anarquista

Ser anarquista não é tão sómente compartilhar, com mais ou menos consciencia, das ideias mais ou menos espendidas por meia dúzia de homens jeralmente havidos como mestres do anarquismo.

Ser anarquista não é aficisar preocupações sociologicas com a mesma facilidade com que se aficisa manifestos em qualquer poste.

Ser anarquista não é ser setario impenitente, cégo e intolerante, perante tudo o que não seja alcorão da sua fé.

Ser anarquista não é vomitar anátemas implacaveis contra a sociedade, tal como o padre proferindo dezaforos de grosso calibre do alto do pulpito contra os herejes.

Ser anarquista não é trazer no bolso do cazaco uma bomba de dinamite, tal como se traz um lenço de assoar.

Ser anarquista não é sonhar, num estazis lórpa, olhos em alvo e mãos ao umbigo, o advento duma sociedade ideal, com letras maiúsculas, onde a felicidade humana será absoluta e os homens uns puros e perfeitos anjos.

Ser anarquista não é ser o agremiado num club, filiado numa seita, iniciado numa sociedade secreta, conluado num pato tenebrozo, arrejimentado num batalhão, acamarado numa cazerna ou acarneirado num rebanho. Porque o anarquismo não é uma coque, terie, uma facção, um partido, uma igrejinha, uma seita, um club, uma liga, uma panelinha, nem é tampouco uma coiza feita, um dogma, um principio imutável, uma fórmula estavel e unilateral, uma unisonancia; uma monocromia.

Ser anarquista é ter o coração que sente, o braço que luta, o cérebro que pensa livre, absolutamente, sem sujeição ao modo de ser doutrem, sem parti-pris, sem preconceitos, sem espirito de castas; o coração que sente a dor dos outros, que experimenta as suavissimas emoções das obras de arte, os grandes espetáculos da natureza e os belos sentimentos de bondade, de tolerancia e de amor; o braço que luta dia a dia contra tudo o que possa opor-se, quer objetiva quer subjetivamente, á livre expansão da individualidade, ao livre desenvolvimento de todas as funções vitais imanentes do ser humano.

Ser anarquista é ser, ao mesmo tempo, réo e juiz das proprias ações. Réo para cometer certos erros proprios da fragilidade humana e das forças atavicas que dentro de nós ainda imperam; juiz para pezar a gravidade desses erros e remedia-los, num alto esforço, num forte dezejo de se eceder a si mesmo.

Ser anarquista é ser o que caminha entre a multidão ignorante sem que as suas faculdades se dissolvam na cobardia ambiente, conservando n'alma, inviolável e altizonante, o seu mundo intimo de pensamentos, deignios e sensações.

Ser anarquista é desprezar as estradas francas e plenas, e os trilhos demaziado gastos e enveredat por atalhos, por sendas, onde se rasguem e dilacerem as carnes, mas onde se não tocam os hombros nos hombros da foule acéfala, amarga e encaracteristica.

Ser anarquista é ser inteligente, ser bom, ser franco, ser sincero.

Concebe-se que um catolico ou um protestante, um republicano ou um monarchico, seja um pulha, um falso, ou um cretino possa ser anarquista. Porque anarquia, antes de ser uma fórmula ideal da sociedade; uma aspiração sublime a tudo quanto ha de mais perfeito e justo, é um modo de ser subjetivo, uma modalidade animica, uma especial disposição psiquica.

E aquele que não sabe alçar os olhos por cima da vulgaridade triunfante, que não sabe admirar em cheio um corpo lindo de mulher, um pôr de sol nostalgico e sonhador, que não sabe dar ouvidos á muzica dos versos e ás harmonias suavissimas da natureza, que não sabe ser forte, ser heroico, ser ele, que não sabe matar dentro da caverna do peito o monstro atavico que nela habita desde seculos, dominar-se a si proprio, corrigir-se, melhorar-se — ah! — esse pode ser tudo o que muito bem quizer, mas nunca, nem por sombras, superficialmente — um anarquista.

Mas assim sendo e dado que é pequeno, pequenissimo o numero dos que tal se afirmam, segue-se que são raros os verdadeiros anarquistas.

E' logicamente assim.

Requintes de doutrinarismo dejenarado? Não. Vontade de ser algo mais que um abutre ou um farçóla. Vontade de não contribuir para o eterno carnaval da vida, onde, para ter graça, tanto se veste o travesti dum pierrot, como, para se ser anarquista, o travesti duma ideia.

O cometer atentados não quer dizer anarquismo, porque atentados tem-nos praticados

## O capital

Imagina-se que todo o capital dá uma renda como uma arvore dá frutos ou uma galinha ovos; que a renda é um produto formado escluizivamente pelo capital e distinto dele. E o que contribui para propagar esta ideia falsa é que os capitais, na maioria, mostram-se em fórmula de titulos de renda, ações ou obrigações, de que, segundo a fórmula consagrada, se cortam os «coupons» que representam a renda.

Durante seis mezes, ou trez, ou um ano, conforme a natureza do titulo, crece o «coupon». Chegado o dia do vencimento, está maduro: pôde separar-se, e separa-se com efeito com uma teזורada.

Mas: assim como o fruto ou o grão se colhe e pôde semear-se de novo e formar uma nova planta que dará novos frutos, ou assim como se pôde pôr a chocar o ovo, para que saia uma franga que dará novos ovos, assim colocado o «coupon» se pôde constituir um novo capital que dará novos «coupons» de juros; e deste modo parece que crecem e se multiplicam segundo as mesmas leis que prezidem á multiplicação das especies animais e vejetais. Mas a lei do juro composto, pois assim se chama, é muito mais maravilhosa que a multiplicação dos arenques ou dos tortulhos, tantas vezes citados a proposito das leis de Malthus e de Darwin.

Assim, um simples soldo colocado a juro composto no primeiro dia da era cristã, teria produzido um valor de 2.800.000.000 de globos de ouro massiço do volume da terra; o ezemplo é classico.

Urje pôr de lado toda essa fantasmagoria que tanto irrita, e não sem razão, a bilis dos socialistas. Esta especie de força produtiva e misterioza atribuida ao capital, como propria dele, esta virtude de jerar é pura quiméira. Segundo o adajio: o dinheiro não pare nem o capital tampouco.

Não só um sacco de escudos nunca produziu um escudo, como já observou Aristóteles, nem um fardo de lã ou uma tonelada de ferro nunca produziram um velo de lã ou um átomo de ferro; e se os carneiros produzem outros, como dizia Bentham, ridicularizando Aristóteles, não é por serem capitais, mas simplesmente porque são carneiros e a natureza dotou os seres vivos da propriedade, de que não gozam de nenhum modo os capitais, de reproduzir individuos semelhantes a si proprios.

O capital não é senão uma materia inerte e absolutamente esteril. Permite ao trabalho produzir, é certo; mas por si mesmo não produz nada absolutamente.

Logo, tudo o que se chama a renda ou o produto do capital, não é na realidade senão o produto do trabalho.

Carlos Gide

O COSMOPOLITA completou a 28ª outubro o seu 1º ano de existencia, decorrido em meio de um intenso labor de difuzão dos principios de emancipação proletaria, consagrado inteiramente ao combate ardoroso e indefesso a todas as injustiças sociais e a todas as tiranias; implacável na critica aos sofismas politico-sociais sobre que repouza a sociedade burgueza. Nós que constituimos o seu Grupo Editor nos desvancemos por ter aportado esse pequeno contingente de esforços á magna obra do advento de uma sociedade de justiça e amor

padres, jornalistas, catolicos, protestantes, politicos, espiritas, policiais, patriotas, deputados, senadores e toda essa corja que vive do suor do povo, sem que a imprensa, venal e gazoflicea, lhes houvesse, saído na estacada para os apodar de... anarquistas.

E veja-se a defeatez de diversos pasquins da imprensa amarela que chafurda as patas e o focinho no numero 100 do teזורo, a escucinar sandices contra os anarquistas estrangeiros... e nacionais

E' que esses zebróides ilustrados ignoram que o anarquismo é o mais alto grau que o homem pôde alcançar; e que anarquico é o pensamento e para a anarquia caminha a humanidade

Ricardo Correia Perpetuo





# Carta aberta

# Fatos da observação

# Contemporaneas

## de Pedro Kropotkine aos Trabalhadores ocidentais

Damos, a seguir, na íntegra, a carta de despedida que Kropotkine endereçou aos trabalhadores ocidentais, por intermédio de Jean Grave, que a inseriu no «Buletin n. 7» (Jun 1917) de «Les Temps Nouveaux». Póde a gente discordar de tal ou qual maneira de ver de Kropotkine (sobretudo do ponto de vista das «responsabilidades» da guerra e do «apoio militar» aos governantes aliados), mas o que ninguém, de boa fé e honestamente, poderá recusar é o golpe de vista profundo e justo do grande pensador russo sobre a situação atual do mundo, que se debate na necessidade criada pela força das coisas, de uma reconstrução social do trabalho, da produção e do consumo — reconstrução a ser levada a cabo pelos trabalhadores. Aos trabalhadores do Brazil, agora que somos também levados pela tormenta guerreira, transmitimos a carta do velho camarada e mestre, o revolucionario, o anarquista Kropotkine:

Caros Camaradas e Amigos:

Depois de quarenta anos de trabalho nos vossos meios, eu não quero partir para a Rússia sem vos enviar algumas palavras de despedida.

Do mais íntimo do meu coração eu vos agradeço o acolhimento, mais que fraternal, que sempre encontrei entre vós. A Internacional dos Trabalhadores não foi para mim uma fórmula abstrata.

Nos meios operários da Suíça, da França, da Espanha, dos Estados Unidos, eu sempre me senti em meio de irmãos e de amigos. Nas vossas lutas, cada vez que nelas tomava eu parte, encontrei os mais belos momentos da minha vida, e senti bem dentro do coração este sopro de solidariedade humana através das fronteiras, solidariedade que em si contém as mais belas promessas para o futuro.

Atravessamos, neste momento, um triste período. Luta-se e mata-se com uma ferocidade sem precedentes, não entre exploradores e explorados, não entre aristocracia e povo, mas nações inteiras. E quando mais penso nas causas desta catástrofe, mais me firmo na convicção de que a sua causa reside, não somente na existência dos Estados separados, mas também no fato, que não previmos assim, de povos inteiros serem capazes de se deixarem arrastar pelos governantes e mentores intelectuais à conquista de territórios vizinhos e de nações vizinhas, visando fins de enriquecimento nacional, sob o pretexto de cumprir determinada missão histórica.

E depois, nós não insistimos bastante sobre este princípio fundamental: que o dever do verdadeiro internacionalista é opor-se com todas as suas forças, contra toda tentativa, venha de onde vier, de invasão de um território vizinho com o fim de conquista e que, chegada a ocasião, o seu dever é pegar em armas para a defesa do território invadido com tal escopo.

Sem isso, não póde haver Internacional. Sem isso, a Internacional se torna uma fórmula tão estéril e mentirosa como o pretenso «amor cristão do vizinho».

Entretanto, a enormidade e os horrores desta guerra despertaram a humanidade e trouxeram à luz os graves problemas sociais que os socialistas de quarenta e tantos e da primeira Internacional haviam posto em discussão e que a humanidade negligenciou, negligência que ela paga hoje com todos os sofrimentos imensos devidos a esta guerra.

«Não quizestes o socialismo», escrevia Herzen, em 1848, «pois bem! tereis a guerra de sete anos, a guerra de trinta anos».

Já aí temos o começo, efetivamente, e teremos mesmo uma guerra de trinta anos seguidos, se todos os homens de coração, de espírito e de experiência não empenharem toda a energia de que são capazes, para impedir tal calamidade, dando início à obra de reconstrução social.

Se o povo russo pode libertar-se dos seus autocratas, revirar o seu regimen burocrático e policial e conquistar em alguns dias esta base primária de toda reconstrução social — a igualdade política de todos os cidadãos — isso foi devido ao trabalho reconstrutivo que se fazia na Rússia desde o começo da guerra, voluntariamente, por livre iniciativa, e que tornou possível e inevitável a revolução.

Foi a necessidade de organizar livremente, espontaneamente, o consumo do necessario sobre bases comunistas e federativas, bem como a necessidade de reorganizar também a produção, do simples para o composto, que provocaram a revolução na Rússia. E esta mesma necessidade já se faz igualmente sentir no Ocidente.

Todos nós podemos perceber, conhecer de perto esta verdade, prégada pelos socialistas:

que a produção de tudo que é necessario a um povo e a distribuição das riquezas produzidas não podem ser abandonadas aos azares da concorrência. Ainda menos aos appetes de riquezas dos individuos que lutam entre si na partilha da preza. Todos nós chegámos à condição de que esses dois ramos fundamentais da vida humana, custe o que custar, DEVEM ser organizados tendo-se em vista a satisfação das necessidades de TODOS e, conseqüentemente, o capital social, necessario para produzir, deve ser centralizado.

Ha tres anos apenas este programa era tado de utopia. Os proprios trabalhadores socialistas mais avançados não lhe percebiam a possibilidade e pensavam que isso só poderia ser realizado pelas jerações futuras. E eis que a solução imediata destes primeiros pontos do problema social se tornou necessaria, durante a guerra, pela força das coisas.

Um imenso trabalho de reconstrução social impõe-se-nos, de tal modo. Não se trata mais de utopia; trata-se de edificar, sem demora, sobre um plano cujas linhas jerais já se dezenham. E é tempo já dos trabalhadores não mais hesitarem em tomar nas suas mãos esta obra de reconstrução, sem esperar que o Estado faça por eles. Os traços essenciais da reconstrução social estão indicados pela propria vida: toda a produção do necessario, bem como a distribuição das riquezas produzidas, devem ser organizadas no interesse direto de todos.

Não se trata mais de lutar para aumentar o salario de mais alguns francos por semana (que são, de resto, logo absorvidos por uma nuvem de exploradores); é necessario que os trabalhadores-produtores se tornem os jerenes de toda a produção social, que determinem os seus fins e seus meios, e que a sociedade reconheça o seu direito de dispôr do capital social para esse fim.

Desde que a guerra termine, deveis, camaradas e amigos, ater-vos a esta linensa tarefa. A historia da humanidade vo-la impoz: deveis aceitar o encargo.

Mas, sobretudo, não esqueçamos que a guerra não está ainda terminada. Aproximamos do momento supremo que decidirá dos resultados da guerra, e qualquer fraqueza neste momento poderia acarretar consequências funestas para todo o progresso da humanidade.

Todos nós queremos a paz. Estamos todos fartos de carnificina. Mas um simples desejo não basta. E' preciso ter a força para impor a terminação da carnificina aos que a começaram. E até ao presente, o povo alemão não demonstrou ainda ter compreendido que os seus governantes o enganaram numa aventura louca, irrealizável e sem saída.

A nação alemã não percebeu ainda que o plano de enriquecimento nacional por meio de um golpe de força sobre os vizinhos e de conquistas repentinas no Ocidente e no Oriente foi por agua abaixo; não percebeu ainda que deve renunciar aos territorios invadidos de surpresa e cuja possessão não póde manter por uma victoria final.

E' triste de se dizer, mas o povo alemão pede ainda que se lh'o prove, pela força das armas, e o seu governo, entretantem procura semear a discordia entre os aliados.

Não ha pois, senão uma saída possível: é preciso fazer um ultimo esforço para convencer a massa do povo alemão de que os seus mentores, lançando-a nesta guerra, cometeram um crime contra a humanidade e um ato de loucura.

E, terminada a guerra, será preciso entregar-se à obra de reconstrução fundamental, cujas bases sociais já se acham indicadas pelos fatos e' mesmamente reconhecidas por um grande numero: socialização da riqueza social, produção socialista e repartição socialista das riquezas produzidas.

Sejam estas bases largamente reconhecidas, e o bom senso popular e o esforços combinados de todos acharão os meios de atingir o fim colimado com um minimo de conflitos e de destruição. A Rússia formará ao vosso lado nesta obra.

Vosso, bem fraternalmente e de coração:  
**Pedro Kropotkine.**

4 de Julho de 1917

## 11 de novembro

O Grupo Editor d' O COSMOPOLITA promove para o proximo dia 11 de novembro uma sessão comemorativa do ato eze-crando com que a burguezia americana epilou em 1887 a sangrenta tragedia de Chigago, levando ao patibulo quatro valentes camaradas pelo crime de propagarem os sublimes principios de redenção humana.

Oportunamente publicaremos em avulso e programa dessa importante sessão de propaganda, a qual, esperamos, se revestirá do maior interesse.

Se transpormo-nos ao passado e, tateando as trevas, arrancamos elementos pelos quais, de dedução em dedução, tiramos conclusões na ancia de desvendar o incognoscivel a que Spencer dá por finalizado os conhecimentos á desvendados dos primordios de organização social do animal superior na escala zoológica — observamos o homem na disputa das melhores rejeições mais ricas de caças e de pesca. D'ali os agrupamentos em tribos e o inicio da politica na acção lata do termo que eziija um chefe para cada tribu, capaz de garantir a subsistencia e a propriedade de seus dominios.

D'ali, a disputa de chefes contra chefes na conquista de terras tornando-se o homem essencialmente guerreiro, partindo daqui, as odisséas de jeração em jeração, em que arma o homem para o massacre, o roubo e mais tarde o estupro.

Decorrem o tempo e aparece a casta religiosa, dominando todas as outras numa verdadeira teocracia, tornando-se depositarios dos conhecimentos adquiridos.

A exploração do homem pelo homem é dezenfreada, debatendo-se na ignorancia e no brutal despotismo.

Roma — a cidade que marca o desenvolvimento da humanidade estabeleceu-se em duas castas: o patriciado ou a nobreza hereditaria e a classe dos plebeus.

Dos nobres, as suas condições sociais, eram de qualidade física e moral mais elevada para garantia dos seus interesses, organizadores de uma disciplina barbara e aliados á realza espolravam torpemente a coletividade.

A plebe, só cabia trabalhar, trabalhar, debaixo do grante dos nobres.

Decorrem os tempos e os nobres aumentam a sua ferocidade, o que resultou em agitação que foi tomando proporções quanto mais crescia a opressão, e resultou o que em lei biológica reconhecem, baseada nos principios de concorrência e de seleção dos seres organizados, resultou o 89 da Revolução franceza, que deu por terra com os senhores feudais. Revolução que foi o primeiro ensaio da rebelião social, á luz da minha doutrina filozofica.

Triunfou a burguezia.

A vida do proletariado continúa em luta, sangue e martirio.

O advento da burguezia foi bom (isto é inegavel), mas naqueles tempos.

A burguezia, como todas as outras castas, aliou-se ao Estado, porque um é complemento do outro.

Com a Revolução franceza, o clero perdeu grande parte do seu dominio, e a ciencia torna-se acessível, em parte, ao homem.

Como tudo, a burguezia teve o seu apoio e, embragada pelo seu dominio teve os seus dezenfrieos e, a reacção por parte do proletariado que se organizou com classe, para a defesa dos seus interesses de acordo com o seu saber.

A nossa época é a do industrialismo que desbanca a pouco e pouco a burguezia.

O industrialismo de hoje apoderou-se do Estado.

Quem faz politica hoje é o industrialismo por traz das cortinas.

A sua organização é fortissima, e o proletariado, ainda não se encontra verdadeiramente aparelhado para combate-lo apesar da melhor formula de organização, estar lançada e já se ter ajido praticamente (o sindicalismo revolucionario).

O sindicalismo — formula de luta ideada pelos anarquistas, como veiculo de propaganda de seus principios, não somente como um meio pelo qual o operariado luta pelo seu bem estar, mas também como eficaz instrumento de transformação social, como viziagem nós os anarquistas. Se bem que os anarquistas apareçam nestes centros de luta, não é para misturar ideais filozoficos com luta sindicalista mas sim, como propagandistas de seus ideais anarquistas, que melhor calam no cerebro do revoltado.

Por isso que os anarquistas aparecem sempre onde os grupos de homens se encontram indignados quando são espoliados nos seus direitos de homens, os anarquistas, aproveitam o sublime momento de revolta desses grupos e prég a seu ideal que se val infiltrando por toda a parte da terra e vai calando no cerebro dos homens honestos e sinceros que encaram o mundo como uma comunhão fraternal, mas não como exploradores dos mesmos homens, dos homens que sustentam esta organização social, que empregam as mesmas estorões á plebe tal qual como no passado.

Do que observamos do passado, são as castas imediatas em franca luta com a que as domina e, então observamos este conhecimento comozinho de todos, quanto mais aumenta as violencias, mais rapidamente vence a reacção.

Nos nossos dias a organização imediata ao industrialismo, são os proletarios. O trabalhador de hoje encontra-se dificilmente instruído; pouco conhece os seus direitos e, por isso, pouco protestam.

Com tudo, observamos uma luta franca ao burguez e ao industrial que tem para sua guarda o Estado bem organizado.

O industrialismo já alcançou o seu apoio, ha-de vir agora a decadencia se não falhar a lei biológica do que temos muitos exemplos através os seculos negros que proseguem em evolução lenta.

Anarquia, ideal de todos áquelles que protestam contra esta organização em que uma casta explora outra casta que sempre vivem victimas de todas as outras por sua ignorancia, porque era o objetivo de todas as outras castas fazer-la no obscurantismo, como ainda hoje no seculo de grandes conhecimentos científicos e descobertas.

Ao proletariado cabe arremontar-se nos sindicatos revolucionarios, para a conquista de liberdade, porque sem liberdade está privado da ciencia.

Conquiste pois a liberdade, para entrar no comunhão social, sem castas nem preconceitos, para que cada um produza segundo as suas forças e as suas necessidades.

Toda esta organização já está pobre, tudo está abastardado — é a decadencia.

O homem deve sair do seu marasmo e preparar-se para a melhor de todas as revoluções: á que ha de coloca-lo livre sobre a terra livre.

Albino Dias.

Desde que as sociedades existem, todo o governo tem sido sempre um contrato de seguro firmado entre os ricos contra os pobres.

... E' o que te digo: — Esses patifes há de pagar caro todas as arbitrariedades infligidas aos operarios. O despotismo tem seus limites! Há de cair as Camorras das autocracias que em pleno seculo XX se levantam para o cometimento dos mais barbaros crimes.

— Mas meu amigo; isso tudo é uma lojica consequencia dos conflitos de escravos que se rebelam contra as instituições. O que ha a fazer é rebater com vantagem todas as violencias postas em pratica pela sociedade. E' aprezentiar ao povo uma critica implacavel e firme mostrando-lhes nas leis sociais as causas dos males.

— Eu compreendo. Mas não vês. Não ha supplica, não ha pedido, não ha apelação juridica, que eles deem satisfações. Corações de gelo, almas de granito — são-lhes insensíveis os desesperados clamores das esposas, os atribulados jermidos das mães, as dilacerantes lagrimas dos filhos innocentes. A nada se movem, os tiranos! Tudo, porém, tem seus limites... Se os potentados não CEDEM PERANTE AS SUPPLICAS nem perante os RUDIMENTARES PRINCIPIOS DE DIREITO urje fazer-lhes ceder perante a força!

— Quem disse isso?

— Foi o deputado Mauricio?

— Não! Não! sou eu quem o diz!

— E que ideal professas?

— Sou ANARQUISTA.

— ...?! (desmaiou).

(Um guarda civil ao lado: O dr. Thyrsobem podia atender as supplicas destes homens, eles pedem com boas maneiras... têm feito tanta propaganda do seu nome e do Altino!... Camaradas!

A falencia das instituições vem de se declarar pelos fatos mais sumarios.

O terrível choque de interesses nacionalistas acabou por produzir essa hecatombe que á marcar nas paginas da Historia o termino da selvageria humana.

E' tempo de nos atirmos á luta insana.

Já não precisamos de paulatinar pelo caminho espinhoso da doutrinação.

E' ao combate sem meios termos nem transições que devemos recorrer.

E' apontar os fatos, criticar as suas causas, explicar o valor dos conflitos, explorar as determinantes, demonstrar «o porque do porque» e encaminharmo-nos para o conflito dos conflitos e pôr termo aos males que nos afligem.

Os individuos já não encontram na lei os recursos de que precisam para defender a conservação social. Recorrem á reacção precisa, violencia e barbara. Chegam ao fenomeno de individualmente se responsabilizarem perante as leis creadas, o que não quer dizer que esses recursos não sejam determinados pela necessidade da conservação das instituições e portanto determinadas pelas proprias leis instituidas.

O que é lei?

O cometimento de uma violencia sob a garantia da legalidade injainada e escudada na força.

Virjilio Korkels.

## A ultima... patada

Nos ultimos tempos as coisas têm sofrido grandes modificações impostas pelo progresso. A ciencia vem desvendando as grandes forças naturais e dotando a humanidade de grandes aperfeiçoamentos que passo a passo concorrem para o bem estar jeral.

A par do aperfeiçoamento material tem surjido o aperfeiçoamento intelectual, a tendencia para os ideais, a nitida percepção dos defeitos da atual organização social e a necessidade de, pela educação e pela critica, dotar a sociedade humana da maior soma de bem estar possível.

E' da ciencia que tem partido o progresso. E' da ciencia que partiu a Idéa e a Aspiração do Bem.

Foi o progresso que nos deu todos os maquinismos, a electricidade e outras grandes descobertas.

A conservação aprizonou esses produtos do labor comum em proveito da exploração.

Foi a ciencia que rebuscanô na natureza a perfeita ordem das coisas e na critica aos costumes a cauza dos males que afligem a humanidade, encontrou o direito do Homem e fez surjir o Ideal.

Isso tem sido compreendido, mais ou menos, pelas diversas coletividades, que, de acordo com as circunstancias economicas e grau e interpretação, têm encetado a luta pelo bem estar.

Porém, todas essas coletividades, lutando contra forças conservadoras, compreendem que dos conservadores não podem esperar a menor parcela de justiça e bem estar. Entregues á propria força que constituem pela união entre si, lutam contra todos os poderes.

Mas nessa ordem não entraram os manifestantes ao Presidente da Republica.

Decendô á puzilanimidade e ao descripterio tornaram-se cauza de apoio aos conservadores e réles prestijadores daqueles contra os quais a humanidade luta.

Nesse procedimento resalta a condição de retrogradados e anti-progressistas; conclui-se a ignorancia crassa desses homens de trabalho que no minimo deviam ter brio e um pouco de vergonha.

Haizac.

Logo o cometimento de uma violencia, em qualquer grau, por parte dos individuos que exercem autoridade e que na pratica dos seus atos reletem a defeza conservadora, não importa na responsabilidade individual mas sim tem as suas causas nas proprias instituições que deram e dão cauza aos conflitos.

Muito embora pratiquem violencias não obrigadas nos codigos, as autoridades ajem sempre oficialmente e seguidas da força. Se ajissem individualmente seria em defeza de seus interesses individuais e praticam o ato pessoalmente.

Então a sua responsabilidade se verificaria por consequencias que o individuo ou grupos violentado fariam sentir.

D'ali se conclui que os atos praticados pelos individuos que ajem com determinantes conhecidas nas instituições só podem ser aqueles praticados em satisfação da lei ou que repletam uma lei porque são praticados pelos individuos que compõe as instituições.

Se assim é, devemos combater as instituições. O combate a uma lei é combater todos os individuos que a praticam. Vice-versa, para combater todos os individuos componentes de uma instituição é necessario e imprevidente que essa instituição seja objeto de combate por ser cauza do mal.

E' preciso que os individuos combatidos na instituição de que fazem parte sejam consequencia ou procedam em comprimento das leis dessa mesma instituição.

Sumula: ha determinantes e ha individualidade.

Por isso, camaradas, eu desde já tenho uma obra de combate á Federação Operaria, intitulada: os arrendidos.

A Federação era composta de sindicatos; isto é: os individuos em consequencia do rotulo eram sindicalistas. Por isso eu combaterei a Federação, os sindicatos e o sindicalismo, porque os individuos consentiram retirar a tableta da sede que indicava ser ali a Federação, consentiram ser proibida a entrada a certos individuos, acordaram em consultar a policia sempre que houvesse conflitos entre operarios e patrões.

Devemos combater as organizações operarias e sobre tudo o sindicalismo!

Este é o papel dos anarquistas.

— (O agente de policia, Peuedo): O sindicalismo trata de tabletas, consultas ao chefe e seleção dos individuos?

Olá! Viva o sindicalismo! Vou formar o sindicato dos agentes.

— Como dizia, camaradas, devemos combater as organizações, principalmente a Federação, porque o povo precisa conhecer as idéas anarquistas.

— Uma voz: — Não ha duvida, a propaganda anarquista é um fato. A Revolução Social vem ali... Com essa formidável propaganda de Thyrsos Altinos, tabletas, consultas ao chefe, combate ás organizações e «tuti quanti» é provavel que a grande Revolução chegue primeiro que o proximo numero do «papa burguezes».

Virjilio Korkels.

## Aos amigos d' COSMOPOLITA

Desde o primeiro numero d'O COSMOPOLITA que, no intuito de intensificar o mais possível a propaganda, temos feito uma larga remessa do periodico a todos os companheiros que supomos simpatizantes da obra.

Uma situação relativamente folgada da vida financeira do periodico permitiu-nos que durante todo esse tempo puzessemos de parte a questão das assinaturas. Agora, porém, decorrido um ano de publicação do periodico, quasi sem solução de continuidade, julgamos oportuno e necessario á existencia d'O COSMOPOLITA, dirijir um apelo aos companheiros em jeral para que venham ao nosso encontro, a aossiliar-nos nessa injente tarefa.

Tudo quanto é necessario á confeção de um jornal, sobretudo o papel, sóbe de preço dia a dia. Por aí bem podem calcular os companheiros o quanto é dispendioza a publicação de um jornal, mesmo que esse jornal seja das modestas proporções do nosso. Impos-se pois o aossilio de todos.

Por estes dias iniaremos a cobrança.

**Segunda-feira, como de costume, reúne-se o Grupo Editor d' O COSMOPOLITA.**

**Ha urgente necessidade do comparecimento de todos os companheiros.**

A grupo de operarios que, depois dos ultimos acontecimentos no Rio e nos Estados, fez uma manifestação ao Presidente da Republica e realizou uma sessão prezidida pelo chefe de policia, só se lhes póde admitir como grandes estupidos.

E' tudo. João Adcl



# A vida da classe

Von Verner, D. Antonio e D. Jaime

Diz um rifão muito conhecido que o habito não faz o monje. E é bem verdade. Pelo menos aplicado ao caso que constitui o motivo principal destas linhas.

Vamos tratar nestas linhas da conspicua personalidade de von Verner. O leitor, decerto, já se apercebeu que nos queremos referir a pessoa do proprietário da "Franziskaner".

Esse homem, em tempos que não vão longe proclamou-se protetor dos seus empregados, e com a sua cara bonacheirona, conseguiu efetivamente iludir a muitos deles desde que faltou o inolvidavel José Figuerôa, tornou-se um tirano, um verdadeiro senhor feudal da idade média, sendo acolitado nas suas pretensões senhoriais por D. Jaime e D. Antonio. Estes dois asnos, que antes de se arvorarem a "pasteleiros" (depois de serem "jerentistas" durante um certo tempo) de alguma coisa saberia menos de dividir uma caça da importância do "Franziskaner"; senão, que reparem nos frutos que estão colhendo agora.

Desde 1915 que um deles "estudava" trabalhando em uma venda, ali à esquina da rua do Espírito Santo, na antiga Caça do Peixoto. O outro foi um habil pescador de sardinhas em Redondela, vila da Galiza, na Hespanha.

Por aí se pôde imaginar a competência que esse dois homens devem ter para arcar com a responsabilidade da direção desse estabelecimento, e que traquejo social poderiam eles ter para entender-se com a clientela que outrora frequentava a caça, e que hoje já a não frequenta, graças à deza trada administração desses dois "cavalheiros".

## Subscrição em beneficio das famílias dos expulsos de São Paulo

Do Comité pró-vitimas politicas, constituído em S. Paulo com o fim, de angariar donativos em favor das famílias dos operarios expulsos pelo governo de S. Paulo, recebemos uma lista de subscrição, que abrimos, a seguir, pondo-a á disposição de todos quantos dezejem concorrer com a sua ajuda.

O COSMOPOLITA	10\$000
Diogo Moncayo Ayres	2\$000
João da Costa Pimenta	2\$000
Joaquim Campos	2\$000
Jozé de Carvalho	2\$000
Tomaz	1\$000
Jezuz Bouzon Ricon	1\$000
Guimarães Junior	1\$000
Antonio Joaquim Guia	1\$000
Antonio Barreiro Martinez	1\$000
Fernande Mesquita	5\$000
Aurelio Mourinho Duran	2\$000
Jozé Gil Diegues	2\$000
<b>Soma</b>	<b>32\$000</b>

Vendo que o negocio descrecia na proporção exata da sua incapacidade administrativa, a primeira providencia que ocorreu ás intelligenias muito negativas dos dois decedentes, em linha réta de D. Casmurro foi a de cairem á fundo e a quatro sobre os já eziuos ordenados dos empregados. Imaginem que os caixeiros que ganhavam 60\$000 passaram a ganhar nada mais que 30\$000!

Segundo afirmam por aí neste ponto de vista eles têm razão, porque uma parte desses empregados trabalham porque têm necessidade de um emprego, não para por esse meio angariar os meios de subsistencia, mas para satisfazer umas tantas eziencias poicias. Mas, atraz desses "passaros bisnau", há ali chefe de famílias numerosas que sofreram duramente esse golpe, em relação quai constitui essa redução de ordenados uma injustiça clamorosa. Quanto aos tais, sabe-se apenas que, ganhando os mesmos 30\$000 mensais (isto é, 1\$000 diários) e podendo auferir de gorjeta uns 12\$000 o que perfazem 13\$000, gastam 25\$000 diariamente.

De como eles conseguem realizar este milagre matematico não o sabemos...

Passemos, entretanto ao capitulo da cozinha.

Ai não ha desses "beneficios". Principiemos pelo chefe. O seu ordenado numa caça daquelas deveria ser nada menos de 500\$000, quantia esta nada eza-jerada, desde que se tenha em conta as grandes responsabilidades do seu cargo. No entanto pagam-lhe apenas 280\$000!

Ao primeiro ajudante que deviam pagar 250\$000, pagam-lhe 160\$000; ao segundo ajudante, 140\$000, em vez de 200\$000. Como seria razoavel; ao terceiro pagam a insignificancia de 80\$000, quando seria de coezinha justiça que se lhe pagasse ao menos 150\$000.

Deante dessa pequena amostra de exploração, quasi estavamos dispensado a dizer quanto ganha o restante do pessoal, mas, sempre convirá, para que o quadro fique nitidamente esboçado.

Conste, pois, para que fiquem inteirados da ecêsa magnanimidade de von Verner que esses espregados vencem o irrorio ordenado de 60\$000!

Quanta miseria!

E todos esses homens trabalham 14 e 16 horas diarias. Como é natural e perfeitamente justificavel eles procuram desforrar-se desta miseravel exploração de que são vitimas "saboteando" o opressor e algoz; malbaratando, desperdiçando deliberadamente os jeneros do avarento eles ferem fundo o interesse economico de quem tão atrocemente lhe suga o sangue? é uma sangria que por sua vez ele sofre nos seus interesses, representada em muitas centenas de mil réis.

E' claro que se eles fossem individuos intelijentes e humanos lucrariam cento por cento;... retribuindo razoavelmente os que concorrem para o seu bem estar, bem administrando e procedendo com justiça, tudo se normalizaria, sairia um trabalho rapido, limpo, sem desperdicio de material.

Mas um administrador dessa tempera não agrada aos atuais patrões, porque compenetrado devidamente do seu valor e responsabilidade, não se submeteria aos caprichos de um necio, e não se deixaria levar pelas lamurias de quem quer que seja.

Todas as energias de von Verner se concretizam em opor-se a todo tranze ao advento do descanso semanal. Afirma ele que nem todos os poderes reunidos o farão fechar a sua caza para libertar os seus escravos. E as razões nas quais o nosso homenzinho se estriba são certamente muito pitorescas. Senão vejamos: diz que gastou muito dinheiro na propaganda do seu negocio pela Alemanha, França e Inglaterra para que os viajantes quando por aqui passassem admirassem a perfeição do seu estabelecimento. Uma vez fechando um dia na semana eles irão sem comer porque não ha outro.

Por hoje aqui ficamos, no proximo numero prosseguiremos esta analize. **Alvarado.**

## Um desfibrado

Ha no nosso meio certos tipos, cuja desgraçada psicologia pôde ser esboçada dum traço: consciencias despidas do menor resquicio de dignidade, sempre propensas a rojarem-se ás plantas dos seus senhores e opressores, contanto que de tais atos lhes resultem miseraveis migalhas que ás suas acanhadas mentalidades se transfiguram em avantajados quinhões. Com eles, mau grado nosso, e com invencivel repugnancia, nos acotovelamos diariamente, obrigados a testemunhar-lhes as buizezas em que se envilecem e aos que com eles, precizamente em consequencia da sua conduta, sofrem o pezo esmagador de todas as tiranias imperantes.

São os frutos naturais da presente organização social, que collocando a riqueza social, que é o resultado do esforço da maioria, nas mãos ávidas de alguns privilegiados, erijem em arbitros irrecorriveis da vida da maioria, submetendo-a á mais vexatoria das servidoes, ao mais escravizado viver, a troco de um salario que é como que o selo da tirania a que o trabalhador se acha acorrentado.

Aos espiritos superficiaes, de carater debil e juizo facil, esses tristes fenomenos sociais não raro fazem vacilar na luta, aprofundando ao porto das deluzioes, erroneamente convencidos de que representam os cegos ditames da fatalidade. Os que conhecem, porém, os fatores determinantes desses males, não se entibiam, jámais se deixam dominar pela impressio realmente dolorozas desses desgraçados cazos.

Traçamos estas considerações sob a impressio acabrunhadora de um deles.

Queremos nos referir ao individuo Artur Braga, que, em tempos que não vão muito longe, se apresentava adornado com as pedras falsas de uma rebeldia que o tempo, agora decorrido encarregou-se de demonstrar ser absolutamente fementida. Durante um certo tempo pôde ele manter essa attitude hipocrita.

Mas, a hora critica, em que se apuram a dedicacão e a coerenca, (apanajo dos sinceros e honestos) chegou, por fim, e eis que cinicamente Tartufo dezafevela a mascara com que durante algum tempo conseguiu ludibriar-nos, e apresenta-se tal qual é: um tipo canabador de botas—das mesmas botas que, amanhã ou depois, num jesto de nojo, o arremessaria para longe!

Não ha muito ainda essa desprezível creatura provocou com a sua conduta repulsiva um movimento enérgico de parte dos companheiros da caza onde trabalha (Vila de Barcelos), os quais foram á prezença do seu proprietario declarar que, á vista do seu procedimento desleal, só poderiam continuar na caza no caso de ser afastado o individuo em questão, cauzador de serio descontentamento pela sua conduta assaz reprovavel.

Apezar, porém, da incontestavel justiça que assistia aos reclamantes, rezolveu o proprietario da "Vila de Barcelos" conserva-lo, o que não deixou de nos cauzar uma justificada estranheza, pois sempre o conhecemos refratario a manifestações bajulatoria.

Demazado longe iriamos se pretendessemos analizar, uma a uma, todas as torpes açoes desse desfibrado moral. Por hoje nos limitamos a encerrar este artiguete com um conselho jeneroso:

Abandone esse charco em que se espoeja, salpicando de lama a dignidade de uma classe trabalhadora, do contrario, tarde se arrependerá.

Selcentos e Selc.

**COMPREM**

Jaquetas de alpaca..... 21\$000

Jaquetas brancas..... 10\$000

Alfaiataria Barra do Rio 200, Rua 7 de Setembro, 200

## Bar Fidalga

### QUINTA DA BOA VISTA

O parque mais frequentado desta capital

Licores, vinhos finos e de todas as qualidades, cervejas, refrescos, sandwiche e e comidas frias.

Serviço feito com todo o asseio e promptidão

**M. J. PIRES**  
Tel. 4296 - Vila

### GRANDE TINTURARIA LONDRES

Rua 7 de Setembro, 147

Entre Urugayana e Travessa do São Francisco de Paula  
Casa das duas Portas Largas. Ao lado das afamadas camas arame Serpa, Fazem-se concertos em Roupas de homem TELEFONE N.º 3093

GARÇÔES! RECOMENDAE O

## Cognac MARTELL

A grande marca Franceza. E' o melhor e mais popular

### CASA TIMTIM POR TIMTIM

SEMPRE NA PONTA

Especialidade em petisqueiras a portugueza E COM ELLAS E SEM ELLAS Aberto até 1 Hora da doite

**DURAN & BARBOSA**

Rua do Lavradio n. 41  
Telefone 3229 RIO DE JANEIRO

## Café e Bilhares do Campo

Casa especial em, café, chocolate, leite de Minas, mingaus, gemadas e coias

ABERTO ATE' A' 1 HORA DA NOITE

**José Antonio de Azevedo**

**R. Frei Caneca, 1**

Canto da Praça da Republica e esquina da Rua Barão do Rio Branco

**RIO DE JANEIRO**

## Fabrica de Cerveja Oriente

de José Vasquez Ferro

Rua Viscende do Rio Branco 30



## O QUE E VERMUTIN

E' um aperitivo-estomacal moderno, elegante, original, que se toma puro, gelado com agua, syphon ou misturado com outro.

Uma bebida deliciosa, com poderes tonico digestivo-nervinos e virtudes, RADIO-ACTIVAS, que influem no organismo, rejuvenescendo a todos que fizerem uso.

Notae o paladar delicioso que fica na bocca depois que se bebe o VERMUTIN! Tome gelado que é delicioso!

O appetite renasce, a juventude se conserva e se prolonga, a velhice adquire novos reforços para resistir aos seus effeitos!

Tomae sempre, repeti as doses de 3 a 4 calices por dia e ao fim de 15 dias sentireis os beneficios do RADIO-APERITIVO INDIANO - VERMUTIN - do Dr. Eduardo França.

Encontra-se em todos os hotéis, restaurants, cafés, confeitarias, bars, boteguins e armazens.

Unicos depositarios: Mourão & C., Rua do Rozario 133 - Concessionarios: Coutinho Neves & C., Rua Buenos Aires, 96, sobrado.

**Companhia Hanseatca**

Bebam as cervejas

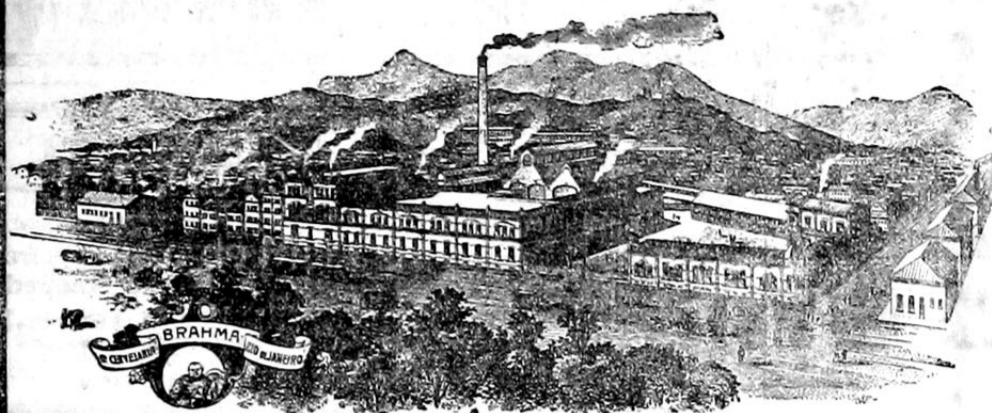
**Polar, Cascatinha, Iracema e Sumaré**

Fabricadas com agua da Tijuca, captada na propria nascente



# Cervejaria Brahma

Recomenda as suas  
afamadas marcas :



**Fidalga Malzbier Brahma Porter**

que são as preferidas pelas pessoas de bom gosto

**BEBAM**

**CAXAMBÚ**

A soberana das  
aguas de meza

**RIO DÃO** O vinho de meza  
preferido

IMPORTADORES

**J. Ferreira & C.**

Cerveja Park Bier. Estomaca  
e nutritiva

PRAÇA TIRADENTES, 27

**ALFAIATARIA SANTOS DUMONS**

Especialidade em  
jaquetas de alpa-  
ca e brancas para  
"garçons" de res-  
taurants, cafés, bars, brasseries, etc., etc. — Preços modicos

192, Rua 7 de Setembro, 192

## "Caza Rist"

Depozito excludivo de produtos  
nacionais

**VINHOS E CONSERVAS**

Rua 7 de Setembro n. 77

Telefone 455 - Central

**BEBAM**

**SALUTARIS**

A Rainha das

Aguas de Meza

**CENTRO COSMOPOLITA** Séde: RUA DO SENADO 215--217  
(TELEFONE 1499 CENTRAL)

Esta sociedade, fundada em 31 de Julho de 1903, incumbem-se de fornecer ás exmas. familias, confeitarias, hotéis, restaurants  
clubs, bars e demais cazas deste ramo, pessoal competente  
para banquetes, cazamentos, pic-nics, etc. etc., não só na capital como no interior, responsabilizando-se pejo mesmo

Aluga o seu vasto salão para festivais, conferencias e outros atos de reconhecida moralidade

Atende e chamados todos os dias uteis das 7 ás 22 horas e aos domingos até ao meio dia